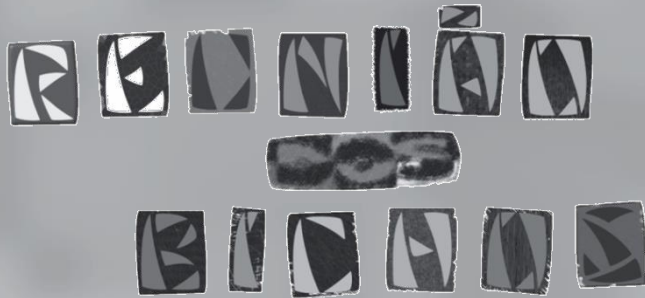


Oseias Mendes de Oliveira



ew

© 2021 Oséias Mendes de Oliveira
Todos os direitos reservados.

1ª Edição: Setembro/2024

Capa, projeto gráfico e diagramação:
Oséias Mendes de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O48r Oliveira, Oséias Mendes de
Reunião dos bichos / Oséias Mendes de Oliveira. 1. ed.--
São Bernardo do Campo, SP : Ed. do Autor, 2024.

ISBN 978-65-01-13981-4

1. Reflexões existenciais 2. Crítica política e social
3. Teoria literária I. Título.

CDD- B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira B869
2. Romance, ficção brasileiro B869.3

Apoio editorial:



Clube de Autores Publicações S.A.

São Bernardo do Campo, 16 de setembro de 2024

À senhora Maria Aparecida Gomes de Oliveira
Em memória do senhor Patrocínio Mendes de Oliveira

A Julia Andrade Mendes de Oliveira
A Pedro Andrade Mendes de Oliveira
A Isaque Mendes Camacho

Em memória do professor doutor Paulo de Sousa Oliveira

A Francisca da Silva

*We have learned to fly the air like birds and swim
the sea like fish, but we have not learned the simple
art of living together as brothers.*

(Nós aprendemos a voar como os pássaros, a nadar
como os peixes, mas não aprendemos a simples
arte de conviver como irmãos.)

— DR. MARTIN LUTHER KING JR.

Prêmio Nobel da Paz, 1964



Reunião dos bichos. Reunião dos bichos...
Reunião dos bichos? Uma reunião... de
bichos... Uma reunião de bichos! Uma reunião de
bichos?

Bem... Nosso texto aparenta ser um texto comum e simples. Provavelmente, não se trata de um texto que aborde questões profundas do ser, do *ser ou não ser*; nem do existir, pelo fato de pensar; tampouco do existir, por ser uma unidade material do mundo ideal. Então, não devemos esperar encontrar em nosso simples texto comum, algum paradoxo, tal como: pensar que se é e que virá a não ser e, quando, enfim, vir a não-ser, perceber que, então é que se é e que, antes é que não era. Certamente, também, não se encontrará,

neste comum texto simples, uma abstração enigmática, ou uma reflexão onírica, tal como sonhar ser algo que não se é e passar a acreditar ser mesmo o que se está sendo no sonho — esquecendo-se de quem era antes, para, ao despertar do sono, não mais saber se é o que pensa e sempre acreditou ser, ou se, é de fato o que era no sonho, e se não está agora, então, sonhando que é o que na verdade não é — não mais podendo distinguir entre o sonho e a realidade.

Em todo caso, talvez nosso simplesmente comum texto traga a proposição: penso; logo desisto. Ou, quem sabe, nosso texto comumente simples traga alguma reflexão sobre quem teria vindo primeiro: a galinha ou o ovo. Bem, somente a sequência da leitura trará a confirmação, ou não, de tal hipótese.

Era uma agradável e ensolarada manhã de um dia qualquer. Parecia apenas mais um dia, um dia comum — como esses dias de todo dia, em que as pessoas comuns costumeiramente saem para seus afazeres cotidianos: quer para as várias tarefas do dia a dia, quer para atividades recreativas rotineiramente praticadas, ou outras coisas quaisquer. Era, pois, um dia em que as coisas pareciam seguir, como costumeiramente, seu curso regular e normal.

Neste dia — de que não se tinha qualquer expectativa de algum evento excepcional, nem, tampouco, se cogitava a ocorrência de nada que fugisse à normalidade cotidiana —, em um determinado ponto da cidade, certo homem, notadamente um tanto cabisbaixo, diga-se de passagem, caminhava, a passos lentos, aparentemente sem um rumo certo ou pressa de chegar a qualquer lugar.

Pois bem, enquanto, lá no céu, o sol seguia seu curso normal rumo ao zênite para, daí seguir até o seu ocaso, e as pessoas continuavam transitando de lá para cá e de cá para lá, aquele indivíduo, também prosseguindo, em sua lenta caminhada, adentra agora o passeio do entorno de uma das praças da localidade.

A tal praça não era grande e não dispunha de nenhum atrativo extraordinário; porém era bem agradável e aconchegante. A essa hora muitos cidadãos já circulavam por ela e, por lá, também, diversos outros integrantes da nossa vida diária marcavam presença. A pracinha estava cheia de vida. Entretanto, o tal supracitado sujeito transparecia completa indiferença e total alienação em relação à exuberante manifestação da vida, que pululava na pequena praça.

Faziam parte da paisagem da praça, algumas espécies de flores, algumas, de árvores e algumas

folhagens. Lírios, margaridas, flores-de-maio (não sei se acertei a forma do plural desta espécie de flor), onze-horas (aqui não sei se a mesma forma serve para o singular e para o plural, ou se o plural seria “onzes-horas” ou “onzes-hora”; aproveitando a deixa: será que a história se passa em Maio? de que ano? será que a caminhada se dá por volta das onze horas da manhã?), azaleias, begônias, bocas-de-leão, dentes-de-leão (será que tinha algum leão escondido entre a vegetação? — e será que estão certos os plurais dos nomes destas flores, ou o certo seria “bocas-de-leões” e dentes-de-leões?), brincos-de-princesa (a mesma dúvida sobre qual seja o plural correto), buquês-de-noiva (a mesma incerteza sobre qual a forma correta do plural), bicos-de-papagaio (e segue a dúvida sobre o plural: o correto é este que foi, ou seria “bico-de-papagaios” — deve ser mesmo o primeiro: afinal, como é que vários papagaios poderiam ter apenas um bico? seriam os outros, todos, desbicados? por outro lado, podemos pensar que um papagaio, também, não tem vários bicos; então, seria, o mais correto: “bicos-de-papagaios”? — talvez tivesse sido melhor dizer no singular o nome de todas estas espécies de flores — assim, evitaria a possibilidade de erro; e que cada leitor pensasse por si mesmo qual seriam as formas corretas do plural), bromélias, ipês (brancos e amarelos — além de uma recém plantada

muda de ipê rosa), duas pitangueiras, um pé de acerola, um de urucum, um abacateiro, duas mangueiras, seis babosas (*aloe vera*, para os que preferirem — pois há quem ache que “babosa” é um termo muito chulo), um pé de boldo, três pequenas palmeiras — recém transplantadas —, e uma amoreira, estavam entre as espécies botânicas da pracinha.

Deve-se registrar, outrossim, que havia na pracinha uma árvore de jenipapo, e de jerimum, um pé, e de jurubeba, dois, e gérberas e girassóis. (E, de volta, aí temos a questão dos plurais. Bem, talvez, tivesse sido melhor ter dito — e escrito — “uns pés de girassol”: pois está aí outro daqueles casos de um substantivo composto para o qual a citação do plural pode trazer certa confusão — ainda que neste caso, com o passar do tempo, o termo, em alguma medida, perdeu a noção de composição, passando a ser grafado de modo aglutinado — duas palavras que se tornam em uma. Então, estará correta esta forma plural? — afinal o elemento plural são as flores, que giram conforme o movimento do sol e não o grande astro luminoso, pois ele é o único sol do sistema solar, portanto: singular — então, o plural do termo poderia ser “giram-sol” — e neste caso, deveria usar-se o hífen, assim, “giram-sol”, tornando o termo propriamente em composto, de

novo: pois no idioma português não há ocorrência do *eme* no meio da palavra, desacompanhado de vogal que o suceda, senão antes de *pe* e *be* (o contrário do *ene*, que não ocorre antes de *pe* e *be*), ou em termos importados e assim assimilados — se é que os há: que não me recordo agora —; ou, para evitar-se a volta do excluído hífen (que também é um *corpo* um pouco estranho, um *ser* meio alheio à língua portuguesa — não o sinal em si, mas o modo como é escrito, este hífen: do grego, *huphém*; pelo latim *hyphen* —, na qual palavras não terminam em *ene*, senão em *eme*) ter-se-ia que usar o *ene*, então, “giransol”. Entretanto, se tomarmos e tornarmos a questão para além do nosso quintal sistemático solar, considerando outras galáxias, então, teremos, sim, outros sois — portanto: plural — o que poderia levar à forma plural “giram-sóis”, ou “giransóis” — *flores* que giram, segundo os *sóis* — ou, girassóis, se se considerar apenas *uma* flor, a girar, seguindo os *sóis* vários.)

Na pequena praça havia, ainda, comigo-ninguém-pode (e não vem ao caso se era uma ou mais — pois, sendo mais de uma, como se diria o plural: “comigo-ninguéns-podem”, ou “conosco-ninguém-pode?”), um pezinho de café, algumas canas do brejo — também conhecidas como cana-de-macaco ou

canarana, além de outros nomes (e neste caso, será que o plural teria a ver com o número de brejos: em sendo um brejo apenas, seria “canas do brejo”, e em sendo dois brejos ou mais, seria “canas dos brejos” — o fato é que na pracinha não há nenhum brejo, mas a bendita dita cana está lá!) –, uns poucos pés de bambu-do-brejo — também com seus variados nomes: guaimbê, imbaúba, manacá, banana-do-brejo, banana-de-macaco, entre outros (cujo plural, no caso destas duas últimas variantes do nome, haveria de ter, também, a ver com o número de macacos: “bananas-de-macaco” para um macaco, e “bananas-de-macacos” para dois ou mais macacos e, respectivamente, para o brejo? — não se tem confirmação da ocorrência de macacos na pracinha — mas as “bananas deles” estão lá) –. Finalmente, registre-se que ali também tinha hortelã, mastruz, erva-cidreira (a quem preferir: melissa), erva-doce, um pequeno pinheiro, um pé de sabugueiro, ao pé do qual havia um pé de ananás, uma ameixeira, alguns arbustos e gramíneas, e alguns poucos pés de milho.

Os responsáveis pela ocorrência dos pés de milho são um muitíssimo simpático casal de idosos. Eles, vez por outra, traziam grãos de milho para alimentar os pombos e outras aves, frequentadoras da pracinha. Acontece que alguns grãos de milho caíram

por entre a grama e ficaram a salvo das famintas aves. Com o tempo eles acabaram brotando. Mas, se já não eram muitos, quando se revelaram ao mundo, como pequenos brotos de milho, menor foi o número de sobreviventes, após as demonstrações de carinho de uma criança, dotada do dom da hiperatividade e de espírito desbravador, que escapara aos cuidados de sua distraída mãe e adentrara o pequeno milharal a fim de explorá-lo.

É fato, fidedigno, fiável, que todas essas espécies do mundo vegetal, ali na pequena praça, pacífica e harmoniosamente conviviam: compartilhavam da mesma terra, do mesmo sol, do mesmo luar, do mesmo orvalho, da mesma garoa, do mesmo chuvisqueiro, da mesma chuva, dos mesmos pés-d'água, dos mesmos granizos, do mesmo ar, da mesma brisa, dos mesmos ventos, das mesmas tempestades, do mesmo calor, do mesmo frio — e da mesma geada, quando havia. (E, caso cá houvesse — se aqui ocorressem, como longe lá fora: ciclones, tufões, tornados, furacões –, deles igualmente compartilhariam; e talvez, sob eles, juntos, morreriam.)

Com relação à pracinha, algo mais havia: que, de fato há um projeto de reforma e revitalização, aberto à participação popular na forma de sugestões e

indicações de espécies a serem ali plantadas ou, de lá de outros lugares, para ela transportada e transplantada. O elaborador do projeto, entendendo ser direito seu como autor da proposta e incentivador mesmo da própria iniciativa, indicou, por seu turno, de antemão, os seguintes itens: o álamo, o ébano, o bálsamo e o sândalo (e, dizem as más línguas que, para não ser tachado de estrangeirista de estranhos estrangeirismos, ele acrescentou à sua lista o pau-brasil, o jatobá e a cajazeira).

Sobre isso, isto se pode dizer: houve uma idosa senhora, viúva, vinda a tempos, de trás os mares, que inscreveu na lista o alfeneiro. Por sua vez, uma pessoa, oriunda de outra, ali bonita, terra d'além mar (que era um *emigrante* quando deixava sua pátria e tornou-se um *imigrante*, aqui chegando — ainda que permanecesse sendo a mesma pessoa), sugeriu o cedro. Outro cidadão, imigrante igual — emigrante que fora: fora da pátria, agora —, de outra nação (nobre, não menos que a outra — nem longe daquela), propôs que uma oliveira e uma figueira fossem também plantadas na pracinha. Prontamente, por sua parte, um simpático ilustre casal do local, vindos também, de distante outra terra de acolá, célebre como, contribuíram para a lista de possíveis novos “moradores” da pracinha o

embondeiro — ou baobá. Também, de uma família de fora — de férias aqui e que, não se sabe como nem por que, acabou chegando ao município ao qual pertence a pequena praça — foi que veio a menção da sequoia-gigante, como candidata a um lugar na pracinha — e, de adendo, um rododendro. Outro que, aqui chegado, moradia fixada e, então, residente (que de antes, de lá que era, de detrás da colossal cordilheira), opinou pela plantação, mais, do *maíz morado*: que *morasse* também, na praça, com seus primos brasileiros, amarelos — aqueles, tão bela e nobremente exaltados em verso vivo, vivaz, pela pena da não pequena, senão grandiosa, mulher, doceira, doce flor, maravilhosa escritora, poetisa (ou poeta — se preferível for), coração e coragem, corajosa Coralina, Coralinda, cordial, cor de alma, cor de amor, singeleza de cor, e cores mais, dos muitos becos de Goiás, cores mil, cores da cor do Brasil. E não nos esqueçamos aqui de mencionar, também, que uma honorável cidadã (também emigrante quando, com sua família, saía de sua terra, e imigrante tornada em aqui entrando — e, talvez, migrante também, poder-se-ia apontar, posto que antes de viver por estas bandas da cidade da pracinha em questão, vivera já em outras paragens, para bandas bem de longe, daqui distantes, de outro estado da federação, desta nossa terra), em afetuosa memória da pátria

longínqua, manifestou-se a favor da inclusão do bambu: outro, que não aquele bambu-do-brejo — entenda-se. Ah, e, é claro, não se poderia deixar de fora a menção de que alguém, aqui nascido (se sei? — não sei), descendente de imigrantes outros, oriundos do Oriente, daquele belo país do sol nascente, deixou, de derradeira, sua singela sugestão, qual seja: a cerejeira.

Outras árvores e plantas, por outros munícipes sugeridas, tais são e aqui estão: a camomila, a magnólia, o mogno, o jequitibá, a aroeira, a araucária, o carvalho, o araçá, a castanheira, a jabuticabeira, o salgueiro, o jacarandá, o jameiro, a imbuia, a peroba, a paricá, o cambuazeiro, o cupuaçuzeiro, o cambuci, o manacá, a seringueira, a seriguela, a samambaia, a sapucaia, a sucupira, a paineira, a pata-de-vaca, a cabreúva, a braúna, a noivinha, a dama da noite (a murta-da-Índia), o ipê-mirim, o jasmim, a amburana, a embaúba, o pau fava, a faia, o flamboyant, a farinha-seca, o angico-da-serra, a escova de garrafa, a gabirola, a graviola, a agave, o guaco, o guatambu, o buriti, o abieiro, a mangabeira, o drageiro (sangue-de-dragão: sugestão de algum daqui, que conheceu alguém dali, que conhecia quem, de além daqui, que a havia conhecido, pois que havia estado na terra natal do tal grande vegetal lenhoso), a uva japonesa (também chamada de caju — ou cajueiro

— japonês: sendo a uva e o caju frutas diferentes, não obstante, esta árvore é uma e a mesma — que não dá uva nem caju), o hibisco, o pé de pomelo (que por lá, para o lado de lá da ponte — para a água aí passar — em passeio particular, alguém conheceu dele o fruto, pelo nome que lá se dá). Ainda houve quem propusesse — e proposto está, e devidamente registrado — o mandacaru e o pequiheiro — que, migrante que é, não deixaria de desejar lembranças boas, da terra natal, querida, saudosa. O limoeiro e a laranjeira, e o cacauieiro e a jaqueira, e o marmeleiro e a goiabeira, que esquecidos que não foram — lembrados, então: incluídos na lista, lá estão. (E, possibilidade houvesse, haveria de propor, apto, cá, eu: o eucalipto.)

Entretanto, alguns obstáculos se interpõem no caminho dessas esplêndidas espécies da flora internacional. Um problema sério a ser enfrentado é a limitada disponibilidade de espaço, posto que, como dito e repetido já, a praça não dispõe de uma grande área, senão que o contrário é verdadeiro. E, de forma alguma, a demolição do velho pequeno pavilhão para concertos musicais (vulgo, coreto), proposto por alguns moradores como meio de se conseguir espaço extra, para mais algumas árvores (sob a alegação de que aquilo era coisa do arco da velha e sem serventia para os

tempos chegados, trazidos à localidade pelos ventos da modernidade — palavras dos tais proponentes) resolveria o problema da muita demanda para pouca oferta de terreno. Diante dessa questão, o sujeito que sugeriu o embondeiro provavelmente não deve ter muitas e grandes esperanças de que sua sugestão seja aceita. O mesmo talvez possa ser dito a respeito dos indivíduos que indicaram a seringueira (sobretudo, se se tratar da chamada “falsa-seringueira” ou “árvore-da-borracha” — com seu tronco bem grosso e muito ramificado) e a paineira — e, talvez, sobre alguns outros proponentes, que outras árvores inscreveram na lista. Quanto à sequoia-gigante: ela já se exclui a si própria, de antemão, apenas por causa do nome — se ela, ao menos, se chamasse sequoia-mediana (melhor ainda: sequoia-mirim) poderia ser que passasse despercebida e fosse transplantada para ali, a despeito de seu tamanho: um exemplar adulto que fosse. Além disso, não se pode esquecer a disponibilidade — ou a indisponibilidade — de verba, de acordo com o orçamento previsto para o ano legislativo em questão e mesmo, provavelmente, para os anos que virão — verba muito mais escassa que o espaço necessário para a o empreendimento de paisagismo planejado.

Assim sendo, os anseios da população em relação à pracinha se tornam um tanto quanto difíceis de serem satisfeitos. Mas não causará espanto, entretanto, se os hábeis articuladores da política local, no local pequeno, proporcionado pela pracinha para novos moradores vegetativos, ali ajuntassem — por um “milagre” daqueles que acontecem no âmbito político, na esfera da administração pública — todas as espécies sugeridas, e da lista, constantes, (quer fossem legítimas, quer falsificadas), bem como outras mais — sem terem tido prévia indicação — todas, bem pequenas ainda (que assim se poderiam momentaneamente acomodar no reduzido espaço), com belas plaquinhas com seus nomes inscritos e origem afirmada, promovendo, para tal, pomposa inauguração. Pois que, assim, a todos eles agradariam, sua simpatia angariariam, e seus votos garantiriam, para pleitos futuros: eleições para mais elevados cargos. E, quando o problema da superlotação viesse à tona, em tomando corpo próprio, propriamente da espécie, as árvores, que mudas foram plantadas, e que agora levantam a voz e os galhos requerendo mais espaço, outros é que resolvê-los teriam de, com seus custos arcar, os danos a reparar, os prejuízos a lastimar — enquanto aqueles, às voltas estarão, já, em outro nível, com novos, maiores, mais

complexos, mais custosos e, *concidentemente*, mais vantajosos empreendimentos.

O que é isso? Trata-se de uma praça ou de um jardim botânico? E para que, enfim, toda esta listagem de espécies das matas, selvas e florestas, dos bosques, caatingas e cerrados, e a citação de arvoredos e matos e moitas e tufos? Estão estes todos, fazendo aqui, o quê? Afinal, estamos em uma reunião dos bichos — como o título indica —, ou em um ajuntamento ou arrolamento de árvores, arbustos e matos, capins e gramíneas?

Pois bem, mostrava-se assim, o citado cidadão (aquele que caminhava pela pracinha), alheio ao alegre gorjear dos muitos pássaros, de variadas espécies e de múltiplas cores, que se deslocavam constantemente de uma árvore a outra. Tampouco, o homem parecia prestar a mínima atenção ao arrulhar das pombas, em sua acirrada disputa pelas migalhas de pão, lançadas por um generoso idoso que estava sentado em um dos bancos da praça, com seu fiel amigo canino ao colo, o qual também era agraciado com pequenos pedaços daquele pão. Muito menos parecia o indivíduo notar a marcha incansável das formigas, em sua tarefa de armazenar comida para o inverno ou, ainda, se interessar pelo não menos laborioso trabalho das

abelhas, voando de flor em flor em busca do preciso néctar, tendo que, às vezes, disputá-lo com grandes besouros ou agitados marimbondos que também se faziam presentes, sem mencionar os beija-flores (ou seria “beijam-flor” — ou, ainda, “beijam-flores” — a correta forma plural: dúvidas sem fim quanto aos plurais! — ou seriam “duvidas sem fins?”), dentre os quais, é verdade, alguns preferiam os pequenos bebedouros onde podiam encontrar água açucarada, colocados ali por alguém que deve gostar muito de admirá-los, em sua impressionante manobra de pairar em pleno ar, asas batendo tão rapidamente que seu movimento não chega a ser plenamente perceptível aos olhos. Pequenas lagartixas também contribuíam para a diversidade da fauna local, além de diversas outras espécies do reino animal, sobretudo da classe dos invertebrados, os nomes de muitos dos quais apenas os especialistas seriam capazes de referir.

Enquanto isto, no lado oposto da praça, um solidário rapaz tentava resgatar o gatinho de uma simpática senhora. Pois o pobre animalzinho, na perseguição a uma daquelas lagartixas ali residentes, acabara no alto de um jovem ipê amarelo — que por ser ainda jovem, não era assim muito alto.

E, é claro, não poderíamos deixar de mencionar os cães (afinal, em uma praça que se preze deve haver a presença destes espécimes da vida animal — cuja ausência sentidamente descaracteriza qualquer praça). Ali pois, estavam eles, de distintas raças, porém em pequeno número, uns de grande porte e outros menores; estes conduzidos por seus donos, enquanto que aqueles, notadamente tendo tomado aos seus acompanhantes humanos o controle da condução, arrastavam-nos para onde bem entendiam.

Mas, nem ainda o eufórico ladrar e a empolgante agitação dos chamados melhores amigos do bicho humano eram capazes de fazer o dito homem sair de seu estado de acabrunhamento. Enfim, nosso amigo se mostrava inexoravelmente indiferente a tudo e a todos — pois, acreditem, ele nem sequer se deu conta de que um daqueles pombos, após saborear as migalhas do pão do padre (o velhinho não era padre: “pão do padre” refere-se ao tipo do pão) gentilmente oferecidas por aquele bom velhinho, decidiu alçar voo (quem sabe, na expectativa de encontrar, em alguma outra praça, outra alma caridosa, que lhe servisse uns bons bocados, quer de pão preto ou de pão da vovó — ou mesmo alguma outra variedade desse precioso alimento, comum a inúmeras culturas ao redor de todo

o mundo) e, em sua subida, justamente quando sobrevoava nosso entristecido transeunte, deixou cair uma certa substância, exatamente sobre o ombro da camisa, por sinal muito amarrotada, que ele trajava, e que respingou ainda em sua não menos amarrotada calça, com uns últimos respingos chegando a atingir seus sapatos, que pareciam não ser engraxados há bastante tempo.

Bem, antes de prosseguirmos, permitam-me interromper, por um breve momento, a narração desta história. Nesta pequena pausa, gostaria de me dirigir a você, caro (co) leitor. Não sei quais possam ser as tuas expectativas em relação à história que estamos lendo. É bem provável que você esteja imaginando, se a menção dos animais acima tem uma relação direta com o título dado à história. Para muitos isso pode parecer óbvio. Mas não é bem assim. Assim, quero alertá-lo, no tocante à possibilidade de que todos aqueles detalhes, mencionados nos parágrafos anteriores (inclusive aqueles que referem-se a algumas espécies da fauna citadina), poderiam muito bem ser omitidos deste texto, sem qualquer prejuízo para o entendimento do que pode vir a seguir. Pois, ainda que a menção de todos aqueles integrantes do chamado reino animal pareça estar de acordo com o que sugere o título do

texto, a verdade é que não precisa ser necessariamente assim. Afinal, é perfeitamente possível que o título da presente história seja apenas metafórico. Em assim sendo, os bichos aos quais o título faz referência não seriam animais reais do “mundo dos bichos” e, conseqüentemente, não poderiam ser aqueles animais anteriormente mencionados.

Lembremo-nos de que, do que foi visto até aqui, o elemento principal sem dúvida é aquele homem, que agora caminha em torno da praça — sendo destacado seu estado de espírito. Que relação, pois, poderia ter isto com uma reunião de animais? Vale ressaltar que a expressão “reunião dos bichos”, *naturalmente*, pode nos remeter a algo cômico, caricato ou fabuloso, enquanto que a introdução de nosso texto, conquanto não exclua necessariamente a presença do humor e da comédia, insinua uma situação mais realística. É bem verdade também que há muitas histórias que, de início, parecem tomar um rumo realista, mas, de súbito, dão uma surpreendente virada que conduz a um contexto fantasioso (como “O mágico de Oz”, “Alice no país das maravilhas” e “As crônicas e Nárnia” — apenas para citar apenas alguns exemplos bem conhecidos).

Bem, meu palpite é que aqueles pequenos animais não são de fato os atores principais desta história, tendo sido citados apenas com o intuito de se criar um efeito estético, capturar a atenção do leitor e proporcionar, posteriormente, uma quebra de expectativa com relação ao conteúdo do texto. Mas, enfim, o desenrolar da história é que irá confirmar ou não esta hipótese e revelar quem seriam os protagonistas de fato e de direito desta narrativa.

(Não sabemos, ainda, sequer, quem seja o autor desta narrativa — o nome do escritor não é referido em lugar algum. Até o momento, temos um texto de autoria anônima e, o que parece ser o caso, um texto *pleiteante*, sujeito à avaliação, por parte de leitores, especificamente selecionados para tal fim: avalizá-lo ou não para posterior publicação em forma de livro. Talvez, o nome do autor tenha sido omitido (até aqui) pelo editor ao qual ele foi submetido à apreciação (o qual, por sua vez, o submeteu à leitura criteriosa de um grupo de pessoas por ele selecionado — dentre os quais estamos, o caro coleitor e eu: isto é o que parece ser), para criar um tom de suspense, que atraia a atenção e a curiosidade dos leitores; ou, pelo fato de que a indicação do nome do escritor pudesse produzir algum sentimento de decepção e desencorajamento quanto à

leitura do texto. Mas, se o texto, por fim, receber o endosso para sua publicação, necessariamente terá que constar, no livro, o nome do escritor, autor desta narrativa.

É claro também que, alguns leitores, eventualmente, poderão associar o título do nosso texto ao do conhecido e consagrado romance do escritor inglês (embora nascido na Índia — durante o período da ocupação britânica do milenar país asiático) George Orwell, *Animal Farm* (cujo título em português do Brasil é *A revolução dos bichos* — enquanto que, no português de Portugal, ficou como *O Triunfo dos Porcos*) — lançado no ano de 1945 e considerado um dos melhores romances escritos no Século Vinte. E, evidentemente, quando falo em associação, me refiro meramente ao que diz respeito à semelhança dos títulos e, talvez, a algum elemento do enredo — ao se idealizar, por conta mesma do que o título evoca, a imagem de bichos em uma reunião para tratar de algum assunto de seu interesse, como ocorre com os bichos da alegoria de Orwell, que conferenciavam entre si para deliberar sobre a administração da fazenda em que viviam e, necessariamente, a respeito de sua própria sobrevivência — e não, absolutamente, à qualidade da narrativa.

Por falar em narrativa, nós a havíamos interrompido no ponto em que nosso amigo solitário caminhava ao largo da praça. Pois bem, deixemos que a história prossiga.

Então, não muitos passos adiante, eis que ele se depara com outro transeunte que, demonstrando surpresa e alegria, dá a impressão de conhecê-lo de longa data, bem como de não vê-lo já há algum tempo. Registre-se que, curiosamente, o casual encontro dos dois prováveis velhos amigos deu-se exatamente em frente ao zoológico municipal.

Espere um momento, meu amigo leitor. Algo me ocorreu algo agora. Seria este detalhe (o da menção que o encontro dos dois homens se deu em frente a um zoológico) uma indicação, por parte do autor, sobre quem seriam, afinal, os bichos aos quais o título da história remete!? Seria esse o momento de transição para um cenário fantástico ou fabuloso, no qual, talvez, os animais do referido zoológico se reúnam e decidam deixar de servir de mero espetáculo aos visitantes, para elaborarem e empreenderem uma fuga e o retorno a seus respectivos locais de origem? Ou, simplesmente, entrariam os dois amigos, juntos, para um passeio no jardim zoológico, enquanto trocam conhecimentos

sobre as várias espécies de animais que ali se encontram? Vejamos o que o texto tem a nos revelar.

Vale aqui lembrar que o estudo dos animais tem levado a mudanças, de tempos em tempos, no modo de classificação dos integrantes da fauna mundial. Há algum tempo, costumava-se dividir ao animais em seis grandes ordens (mamíferos; aves; peixes; anfíbios; répteis; e invertebrados), subdivididas de acordo com certas características (por exemplo, na ordem dos mamíferos, encontram-se felinos, caninos, bovinos, equinos, etc.). Atualmente, a classificação se mostra um tanto diferente. Parece que os animais agora são divididos em dois grandes grupos — vertebrados e invertebrados. Os invertebrados subdividem-se em: insetos; aracnídeos; anelídeos; crustáceos; moluscos; medusas; miriápodes; e equinodermos. Por seu turno, os animais vertebrados são classificados como: répteis; anfíbios; peixes; aves; e mamíferos — igualmente com aquelas subdivisões. Seja como for, os animais permanecem os mesmos — independentemente da classificação que recebam, não importando, também, se estejam em seu habitat natural, ou presos (quero dizer: expostos) em um zoológico.

O referido zoológico, diga-se de passagem, não é dos maiores e nem deve contar com uma grande

representatividade, em termos de exemplares da vida animal global. Imagino que não se deva esperar encontrar ali algum rinoceronte, seja o africano, seja o da Ásia; também não creio que haja ali algum elefante (nem o terrestre, nem o marinho — que de elefante não tem nada, a não ser o nome: *elefante-marinho* — além de um focinho que lembra um tromba de elefante, e a gordura); creio que não se encontrará ali tampouco algum lobo-marinho, ou algum leão-marinho (os quais também não têm nada a ver com o lobo e com o leão, respectivamente, salvo, igualmente, os primeiros nomes); nem leão lá não dever ter; algum lobo, talvez — o guará, quem sabe... (um lobo-da-tasmânia? impossível: deixou já, de existir). Quanto ao peixe-boi (que nem é peixe, porque é um mamífero; e nem é boi, pois não é bovídeo — que crise de identidade!): improvável; quanto à vaca-marinha, que não é a fêmea do peixe-boi — embora há quem chame o peixe-boi, alternativamente, pelo nome dela — e que, semelhantemente ao dito “boi-que-não-é-peixe” (ou poderíamos dizer, também, “peixe-que-não-é-boi” ou, ainda, e talvez a melhor definição, “o-bicho-nem-peixe-nem-boi”) não era vaca, por também não ser bovídea, mas era marinha, sim, posto que vivia no mar), impossível, pois que esta espécie foi extinta, já no Século Dezoito. E quanto à quagga? Qual nada; que

pena: extinta está — então que, aqui não haverá, como em nenhum outro lugar do mundo, dela já não há. Um golfinho-lacustre-chinês? Nem aqui nem na China: também já não existe — que triste. E a foca-monge-do-caribe? Nem aqui nem lá: que também extinta está — exterminada foi. Arara-vermelha-de-cuba? Não; não cá, nem em Cuba: acabou — nenhuma sobrou. Dodô? Que dó; não há, não dá: nem dois, nem um, nenhum, em lugar nenhum, tampouco aqui — foi exterminado, está extinto. Dugongo-de-steller? Não espere, não há, nem haverá, nem aqui, nem acolá: já não existe — muito triste. Um tigre-de-bali? Nem me fale: não aqui, não na Indonésia, nem na Terra — extinção: eis a razão. Um tigre-do-cáspio? O mesmo caso — o mesmo descaso. Um pombo passageiro? Também não: à extinção, já *passou*. Um leão-do-cabo? Não: já lhe deram cabo. Uma moa-gigante? Não, infelizmente: em todo o mundo, não há uma restante. E um rato-candango? Como? Quando? Não aqui; não agora. Já passou sua hora — já tiraram sua vez: em vez de existir, já é um não-existente. (Vê-los, agora? apenas, suas imagens mortas em livros e catálogos de animais já extintos; ou, seus corpos, sem vida, em museus ao redor do mundo e em luxuosas e ostensivas salas de troféus dos “senhores do mundo” e seus herdeiros). Um tiranossauro? Claro que não; nem pensar, impossível

(afinal não estamos em um daqueles filmes): pois este, como aqueles, já não existe — apenas com a diferença de que o grande predador pré-histórico extinguiu-se em consequência de uma catástrofe natural (a crer-se no que afirmam cientistas e paleontólogos), enquanto aqueles, em carnificina colossal, *foram extintos* pelas mãos do maior e mais voraz predador da história do planeta. Cavalos-marinhos, muito provavelmente também não serão encontrados ali; já o cavalo-de-rio (que não é cavalo, mas é do rio, quando não está na terra — posto que não é ninguém mais e ninguém menos do que o nosso adiposo amigo hipopótamo — nome, cuja análise etimológica demonstra ser um termo originário do idioma grego antigo, composto pela combinação de duas palavras, *hippos* — que significa “cavalo” — , e *potamis* — rio) também não deve ter. Eu não contaria também com a presença ali de um boi-almiscarado (este sim, da família dos bovinos). Paca, não; cotia, sim; tatu, talvez (um canastra, um bola, ou outro). Kiwi (não a fruta e sim a ave): não deve haver (e a árvore que produz a fruta kiwi tampouco deve haver por lá). Araçari, pode haver. Avestruz, haverá? Ararajuba? Harpia, há? Ariranha? Aranhas: que espécies terá — se é que lá, aranhas há? Muito improvável seria também a presença de um ornitorrinco, uma equidna ou um pangolim. Mas,

enfim... não deixa de ser um zoológico. (Talvez alguém preferirá referir-se a ele como um mini-zoológico — ou um *mini mini-zoológico*. Não importa...)

Bem, o fato é que, aquilo que nem os pássaros, ou as formigas e as abelhas, ou mesmo os cães, as lagartixas e outros, não expressamente referidos seres que figuraram no início da nossa história conseguiram, aquele cidadão, que de repente entrou em cena, logo logrou fazer, o que seja, obter a atenção do nosso desanimado caminhante.

E tanto melhor que alguns animais que estavam na praça não foram expressamente referidos; ainda bem que não foi mencionada a presença de certos nauseabundos habitantes, como as lesmas, as taturanas ou certos artrópodes ápteros — melhor conhecidos como centopeias —; pois, provavelmente, alguns leitores poderiam ter sentido repugnância e abandonado a leitura do texto. Por outro lado, foi sentida a ausência de alguns vertebrados com o corpo coberto de penas e de nomes onomatopéicos, como os tico-ticos, quero-queros e bem-te-vis — e talvez tivesse sido melhor mencionar o singular dos nomes destes exemplares da nossa avifauna, pois o plural de alguns substantivos compostos são bem difíceis (como já foi sobremaneira ressaltado!), e não sei se os pronunciei

corretamente aqui. Será que algum ornitólogo poderia me ajudar? (Bem, na verdade, não sei se eles são também especialistas na declinação dos nomes das aves ou apenas nas informações biológicas sobre elas. Melhor seria pedir ajuda a algum professor de português.)

Se bem que eu acho que aquelas lagartixas mencionadas naquele parágrafo lá atrás já devem ter feito algumas pessoas desistirem da leitura do texto. Eu diria que foi um equívoco, por parte do autor, a menção daqueles pequenos sáurios. Parece-me que nosso autor, por um momento, esqueceu-se de que muitas pessoas não consideram muito agradável a menção de bichos como baratas, aranhas, carrapatos, sapos, salamandras, solitárias, e outros tais. Por outro lado, muitos se agradam sobremaneira com a imagem de joaninhas, borboletas, tucanos, araras, joões-de-barro (e outra vez me meti a escrever o plural desses nomes compostos; terei eu acertado desta vez; ou será que o certo seria “Joãos-de-barros”, ou então “João-de-Barros”? Como faz falta, em momentos como este, um bom livro de gramática ou um dicionário — já que até o presente momento, nenhum professor de português se prontificou a ajudar) Mas, continuando a mencionar animais agradáveis, vá me dizer que existe alguém, em

toda a face deste nosso planeta, que não goste de ver um panda? E os pinguins: como são engraçados! Será que tem algum panda naquele zoológico, em frente do qual aqueles dois homens se encontram? E pinguins?

Continuando ainda no assunto dos animais da pracinha, que não foram apontados nominalmente: há quem afirme já ter avistado, ali, um sagui. Já outro frequentador do lugar, jura mesmo que viu um bicho-pau (que alguns chamam de grilo-pau); mas a verdade é que tudo não passou de um engano, pois aquilo nada mais era do que um graveto sendo carregado por umas formigas em seu magnífico trabalho de equipe — e umas línguas maldosas disseram que aquela ilusão de ótica (se é que pode-se chamar assim aquele mal-entendido) fora causada por uma certa água que passarinho não bebe, da qual a referida testemunha ocular da ocorrência do bicho-pau na praça costuma servir-se em grandes quantidades. E, outra coisa: o que ele pensou ser apenas uma folha caída no chão, era na verdade um bicho-folha (também referido por alguns, como grilo-folha): e o pobre bichinho foi atirado em uma lata de lixo — pois esse tal homem gostava de zelar pela limpeza da pracinha. Assim, ele foi acusado duplamente: de prestar um falso testemunho no suposto caso do bicho-pau, bem como de lesão corporal

grave, na ocorrência com o bicho-folha. E fica a pergunta: Será que a testemunha ocular da presença do sagui também não é um apreciador daquela qualidade de água que provoca ilusões de ótica?)

Mas, enfim, retomando nossa história, vemos que aquele novo passeante conseguiu a façanha de resgatar de seu profundo acabrunhamento aquele personagem que por primeiro aparecera na história — e isso se deu por meio de uma firme, estridente e exaltada exclamação, aqui referida em primeira, como igualmente, a conversa que iniciou-se em seguida à dita exclamação exaltada e estridente:

— Macacos me mordam se não é meu bom e velho camarada, Cornévio Carneiro de Carvalho!

— Formiga? Fernildo Firmino Formiga?!

— Sou eu mesmo, meu velho amigo de guerra. Que satisfação em revê-lo!

— A recíproca é verdadeira, meu carro.

— É mesmo? Pois não parece. Que cara é esta, rapaz? Você está com um olhar de peixe morto. Que bicho te mordeu?

— Meu velho, a maré não está pra peixe. Ontem eu tive um dia de cão.

— Como foi isso, meu mano? Me conta.

— Eu te conto, sim. Mas primeiro me fale de você. Quais são as novidades? Quem sabe não consegue me animar um pouco.

— Sei não, irmão. Acho que vou é acabar te deixando mais esmorecido.

— Manda lá. Vamos ver. Acho que meu estado não pode ficar pior do que já está.

— Pois bem, lá vai. Sabe, eu acabei saindo daquela empresa. Eu fui demitido — para ser mais exato.

— Sério? Por quê?

— Os negócios já não estavam indo bem há algum tempo. Os chefes de vários setores estavam fazendo muitas macaquices, e aquilo virou um balaio de gatos. Ninguém se entendia; eles pareciam mais perdidos do que cachorro em dia de mudança. E então a empresa começou a ter prejuízos.

— Mas certamente a culpa não era tua. Você sempre foi um empregado exemplar; e foi promovido a chefe de setor por mérito próprio.

— Eu era um dos funcionários mais antigos da empresa: acho que eu estava lá desde o tempo em que

ainda se amarrava cachorro com linguiça — e olha que hoje até o trema da palavra “linguiça” já não se usa mais!

— Eu diria que antes de os dinossauros serem extintos você já trabalhava lá há um bom tempo!

— Bem, a verdade é que o gerente geral não ia lá muito com a minha cara. Você o conhece: o Lourivaldo Leiva Leitão.

— Aquele que era leão de chácara daquele clube da rua dos pássaros, que ficava ao lado da peixaria do Sardelino Sardinha Santos — a quem todo mundo chamava de *morsa*, por causa do bigodão e do jeitão, bonachão (se bem que não sei o que é que a *morsa animal* tem de bonacheirice) –, em frente à granja do Petrácio Patrício Pato?

— O próprio. Mas a granja pertence ao Gusmácio Ganso. O Pato tem uma lojinha de comida para animais de estimação, que hoje em dia é chamada de *pet shop*, ao lado da floricultura da senhora Florindalva Flores Faisão.

— Mas o Gusmácio Ganso não é o proprietário do frigorífico?

— Não. O frigorífico pertence ao senhor Fredenildo Fradinho Foca.